

"Narigudos" e Insatisfeitos, Graças a Deus!

Célia Maria Antonacci Ramos

O inglês Terry Jones inspirado nas tradições dos contos de fadas nos narra, em "Os Narigudos", o problema de uma pequena comunidade ao sul do oceano Pacífico.

Havia uma ilha no meio do oceano, onde as pessoas tinham os narizes demasiado grandes. O chefe da ilha meteu-se então num barco e navegou até ao sítio onde vivia o mais sábio de todos os homens.

Então, qual é o problema? –perguntou o mais sábio de todos os homens. –Bem –disse o chefe da ilha –, o meu povo é infeliz porque tem o nariz demasiado grande. Não conseguimos enfiar as camisolas pela cabeça porque o nosso nariz é muito grande. Não conseguimos saborear uma bebida sem batermos com o nariz no outro lado da chávena. Não podemos nos beijar porque os nossos narizes estão sempre a meter-se no caminho. Mas o pior de tudo é que nem mesmo gostamos uns dos outros por causa dos nossos horríveis narizes grandes. Consegues ajudar-nos fazendo-nos os narizes pequenos? (Jones,1990:65).

Mas não só no conto maravilhoso encontramos fragmentos da insatisfação com a aparência física. Pesquisas antropológicas e indicadores semióticos - múmias, desenhos e objetos escultóricos - atestam que o corpo natural é malquisto, no ontem e no hoje, em todas as culturas. O gosto pelas transformações físicas começa na nascença ontogenética para se transformar em código filogenético.

A nudez integral oferecida pela nascença é logo manipulada. Frances Borel, em seu livro "La Vêtement Incarné (Les métamorphoses du corps)" diz: "Desde que nasce, o ser humano é marcado pelo social, como se sua nudez natural fosse absolutamente inadmissível, insuportável, vista como perigosa. Logo que a criança aparece, a sociedade apodera-se dela, manipula-a, veste-a, forma-a e deforma-a, utilizando algumas vezes até uma certa violência. (1992:p,15) O corpo alterado passa a ser um microtexto embaraçado no macrotexto da cultura. A história do corpo segue o caminho da história da cultura. "Memória mutante das leis e dos códigos de cada cultura, registro das soluções e dos limites científicos e tecnológicos de cada época, o corpo não cessa de ser (re)fabricado ao longo do tempo", escreve a historiadora Denise Bernuzzi de Sant'Anna. (1995:12).

Assim, guiados pelas crenças mágicas e pelas possibilidades materiais - vale dizer, técnicas - tão logo nascemos - e hoje até mesmo antes, através dos processos de microcirurgias que já alteram no útero as "anomalias genéticas" -, imprimimos no corpo as leis, convenções e fetichizações de nosso tempo e espaço. As marcas de nossa etnia impressas no corpo o singularizam como texto de nossa cultura.

O corpo de ontem e o corpo de hoje

Frances Borel, já citada neste trabalho, documenta algumas transformações praticadas pelas culturas qualificadas como primitivas. Na Polinésia, uma jovem não tatuada não pode se casar e, no Congo, as jovens que choram por não suportarem as dores das escarificações são consideradas inúteis, também não encontram marido.

De igual valor é o trato dado aos pés das chinesas. Por motivos eróticos, tão logo nascem, as chinesas têm os pés atados a fim de obter uma deformação profunda e irreversível de seus pés. Da deformação de seus pés dependerá seu sucesso amoroso e matrimonial.

As inventividades não cessam aí. O berço de uma tribo de índios da América era construído para deformar a cabeça dos recém-nascidos. E o que dizer então dos colares das mulheres-girafa da Birmânia? Ou, ainda, as já muito conhecidas deformações labiais de diversos povos?

Mas, não só esta pesquisadora documentou as intervenções operada pelas culturas no corpo humano. A etnóloga francesa Marie-José Tubian, em suas pesquisas no Tchad, na África, registrou inúmeros rituais de alteração corporal praticados nas jovens mulheres daquela comunidade. Tubian escreveu:

Encontrei uma mulher camponesa por acaso no alto de uma colina onde ela estava colhendo. Ela pertence ao grupo Zaghawa Artaj, que vive nos limites norte da cultura do milho. Mais ao norte, as chuvas são insuficientes para se esperar colher alguma coisa. Em suas bochechas há três incisões e na sua testa talvez uma cicatriz acidental, ou uma marca de cupim. Seu lábio inferior foi lancetado com espinhos para provocar uma inflamação e depois colorido com carvão azul. Sua narina foi perfurada com um pequeno botão de madeira para manter aberto um orifício no qual, nos dias de festa, ela coloca uma pérola de coral ou um anel de ouro. Seus dentes são de um branco brilhante e sua frente raspada. (1994:p.58).

No Tchad, explica Tubian, as mulheres fazem escarificações labiais por motivos eróticos, mas também escarificam a parte lateral da cabeça por motivos medicinais, aliviar as dores de cabeça.

Na mitologia da Polinésia são os deuses que ensinam os homens a tatuar. Esta arte é confiada aos mestres muito veneráveis, que a praticam segundo rituais sagrados. Já os Havaianos tatuam a língua em sinal de luto e, nas ilhas Marquesas, os homens são tatuados no rosto e as mulheres no peito.

Os exemplos, assim como os propósitos, são inumeráveis. Todavia, a transformação ou idealização da imagem do corpo não é uma exclusividade das culturas qualificadas como primitivas. Já a Grécia imperial registrou, no discurso de suas esculturas, os limites de um corpo idealizado. Anos mais tarde, 1500 de nossa era, durante a Renascença dos modelos gregos, o gravador Dürer expressou esta opinião: " O nu ideal deveria ser construído a partir da cabeça de uma mulher, os seios de outra, as pernas de uma terceira, os ombros de uma quarta, as mãos de uma quinta, e assim por diante. O resultado glorificaria o Homem." (Berger:1972, 66). Esta composição de beleza ideal de Dürer foi levada às últimas conseqüências na modernidade. Os modernos processos de representação - fotografia, cinema e televisão -, com suas montagens e (des)montagens da imagem do corpo -, inauguraram as possibilidades técnicas virtuais dessa idealização. Logo a seguir foi a vez das pesquisas científicas facilitarem e confirmarem este sonho. A cirurgia plástica estética radical, os implantes computadorizados dos "chips" no cérebro e as alterações genéticas tornam-se rotina nos dias de hoje. Assim, hoje, tanto quanto ontem, e talvez até mais, cultuamos o próprio corpo e construímos nele a expressão de nossa cultura. Escrevendo sobre os novos recursos técnicos de intervenção no corpo, Jean-Jacques Courtine (1995:89) cita a lição de Sam Fussell a respeito da invenção dos body-building.

" Você pode se tornar a pessoa que sonha ser", dizem os body-builders.

"Você pode desafiar ao mesmo tempo o inato e o adquirido e fazer de você um outro."

As esteiras dos body-buildings guiaram toda a administração corporal das sociedades contemporâneas. A disciplina do corpo exige cada vez mais regimes, danças aeróbicas, joggings e cirurgias plásticas estéticas. Surge a "obsessão pelos invólucros corporais", diz Courtine. (idem:86).

Michael Jackson é um exemplo desta transformação radical do Ser. Mas, ele não está só. A extraordinária autotransformação da "colunável" Ivana Trump é mais um exemplo da realidade embaralhada na fantasia, que vai pouco a pouco construindo uma personalidade ficcional, e logo tornando-a fato.

Entretanto, não nos contentamos apenas com as novas possibilidades de interferir no nosso corpo. Buscamos em culturas exóticas, que antes considerávamos primitivas, a beleza do mito tatuado no corpo e todos os excessos de argolas e piercings, a primeira moda dos homens.

Em pesquisa recente na loja de tatuagem "Stoppa Tatoo da Pedra" , em Florianópolis, constatei o retorno dessas antigas interferências corporais.

Autônoma, sem qualquer comprometimento com uma crença específica e completamente diversificada, essa interferência cirúrgica estética no corpo humano reaparece em nosso cotidiano. Recupera imagens anteriormente tatuadas na Polinésia ou no Japão. A imagem do dragão é um exemplo. Este mito do oriente foi recuperado em nosso cotidiano após a canção de Caetano Veloso "Menino do Rio". Nesta canção, o poeta exalta o surfista carioca tatuado no braço com o dragão japonês. Mas não só mitos de culturas passadas são motivo para tatuagens. A contemporaneidade inventa ou traduz,

também, imagens do nosso cotidiano invadido pela mídia, televisão, quadrinhos, cinema e música, mitos de nosso "aqui e agora". Batman ou os quadrinhos de Hanna Barbera são também requisitados como motivos-tatuagens.

Mas não só em Florianópolis esta prática reaparece. Registramos o retorno dessa fantasia em todo o ocidente. Em uma publicação recente - 25 de outubro, 1998 -, o jornal *Le Monde*, Paris, em uma matéria especial sobre a prática da tatuagem na França, informava que na cidade de Paris, nos anos 80, apenas quatro lojas de tatuagem dividiam a clientela parisiense. Hoje, abre-se quase uma loja por dia, completa a nota. Mas não só na França. As revistas especializadas, que concomitantemente com a abertura das boutiques passaram a freqüentar as bancas de jornalheiros em todo o ocidente, estão repletas de novos endereços espalhados por todo o ocidente. Endereços, imagens, procedimentos e depoimentos relativos à marcação do corpo - tatuagens, piercings, branding ou escarificações - são divulgados semanalmente e internacionalizam-se diariamente.

A jovem Jen é um exemplo de um rosto com múltiplos "piercings" e tatuagens. A estética do 'self-laceration' enfatiza o auto-embelezamento.

"A escrita: Vitória sobre a morte" (Baitello)

O corpo é uma mídia. Tatuagem ou alterar a forma do corpo é escrever no corpo. Todas essas alterações no corpo se apoiam na crença dos poderes mágicos da escrita.

Diz Baitello:

A escrita consegue aquilo que o homem em sua existência física jamais logrou: sagrar-se vencedor perante a morte. E aquilo que na natureza não é possível, é passível de criação artificial pelo mecanismo semiótico da cultura.

Assim, com este lastro simbólico de perenidade, a escrita - desde suas mais rudimentares até suas mais modernas versões -, tradução perene dos ícones visuais e sonoros efêmeros, vai servir de fundamento para o desenvolvimento coerente da cultura humana, vai se tornar ela própria seu código genético, substituindo a oralidade dos mitos e assumindo, por conseguinte, seu caráter sagrado. (1997:67).

Dos pés à cabeça, no verso e no reverso, cada parte do corpo - e o corpo todo-, ontem e hoje é matéria prima para a escrita da cultura. As mutilações - labiais, circuncisões, tatuagens, redução do pé, e mais modernamente os "body buildings", que vestem o corpo com a massa muscular - documentam que as insatisfações com a aparência do corpo fazem parte da escrita do homem. São elas mesmas que transformam o homem biológico em homem cultural. No catálogo da exposição *Post Human*, 1998, sob a foto de dois seios nus vemos: "O fato de alguém aceitar uma aparência natural e uma personalidade natural está sendo substituída pelo crescente senso de que o normal é reinventar-se. (...) Nosso meio tecnológico e social está gradualmente formando um novo conceito de aparência., uma nova concepção do que significa ser humano." Entretanto, como constatamos acima, a interferência no corpo humano não é uma inventividade de nossa época tecnologicamente mais bem equipada. Desde sempre o homem se fez homem por significar seu corpo, escrevendo nele o imaginário de sua cultura. Assim, o modelo de ser humano há muito deixou de ser biológico. O que torna inútil retroceder a um suposto grau zero das civilizações para encontrar um corpo impermeável às marcas da cultura.(Sant'Anna:1995:12).

Os aparelhos que "corrigem" a postura, modelam e alteram a anatomia, ou as mutilações corporais - hoje camufladas nas ciências médicas, sob o nome de cirurgias plásticas estéticas "indolores" - são provenientes de tempos imemoriais e marcam a entrada do homem no universo do simbólico, vale dizer, do conto maravilhoso.

Assim, percebemos que mais do que (re)inventar a moda, estivemos sempre a (re)inventar o próprio corpo.

Já o grande escritor brasileiro Guimarães Rosa, em sua obra prima *Grande Sertão:Veredas*, assim declamou,

O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra montão.

Bibliografia

- BAITELLO Jr.,Norval(1997). *O Animal que Parou os Relógios*. São Paulo. Annablume.
- BERGER, John (1972) *Modos de Ver*. Tradução de Ana Maria Alves. Lisboa, Portugal, Edições 70.
- COURTINE,Jean-Jacques (1995)*Os Stakhanovistas do Narcisismo in Políticas do Corpo*. São Paulo. Estação Liberdade.
- GRÖNING,Karl (1997) *La Peinture du Corps*, Arthaud, Paris.
- JONES,Terry (1990) *Novos Contos de Fadas*. Tradução de Fernando Rebelo. Lisboa Editora Presença.
- ROSA , J.G. (1963) *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro, José Olímpio.
- SANT'ANNA,Denise Bernuzzi de(1995).*Políticas do Corpo*. São Paulo. Estação Liberdade.
- TUBIANA, Marie-José (1994) *Femmes du Sahel (regards donnés)*. Sépia. Paris.

